

O MANEJO DOS SABIÁS:

agroecologia, comunicação popular e inovação na Zona Norte do Rio de Janeiro¹

Rodrigo Rossi Morelato

Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-PÓS) – estágio pós-doutoral.

RESUMO

O artigo é fruto de uma pesquisa-ação participante realizada entre os anos de 2015 e 2023 na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Descreve processos de inovação social que dão forma às técnicas de manejo agroecológico desenvolvido nas favelas dessa região da cidade. Tais conhecimentos giram em torno de uma árvore conhecida como “sabiá” (*Mimosa caesalpiniaefolia*), originária da *caatinga*, que foi introduzida nos morros da Zona Norte como forma de regeneração florestal. Ao longo do tempo, com a facilitação da comunicação popular, essa planta exótica se tornou valoroso insumo para os coletivos agroecológicos da região.

PALAVRAS-CHAVE

Comunidade; Sustentabilidade; Criatividade; Inovação Social; Serra da Misericórdia (RJ).

RESUMO EXPANDIDO

1 INTRODUÇÃO

Desde fins dos anos 1990, um grupo de moradores das favelas da Zona Norte do Rio de Janeiro se organiza em um movimento social chamado Verdejar Socioambiental². Trata-se de uma coletividade que se mobiliza pelo direito à cidade (LEFEBVRE, 2001), restaurando um remanescente verde, como forma de garantia do direito à saúde (BRASIL, 2016).

Há mais de 25 anos, esse movimento social realiza o reflorestamento, o manejo de trilhas, a proteção de nascentes, a construção de sistemas alternativos de esgotamento, e a implementação de tecnologias socioambientais de baixo custo pelos cinco complexos de favelas que circundam a Serra da Misericórdia, elevação natural no coração da Zona Norte carioca.

No ano de 2001, esse movimento social denunciou ao poder público o loteamento irregular de parte de uma área protegida³ e teve como resposta não apenas a reversão desse loteamento ilegal, mas também o reflorestamento da área com uma espécie vegetal exótica, o sabiá (*Mimosa caesalpiniaefolia*). O artigo descreve o processo de inovação social que transformou essa árvore, de exótica e adversária à proteção do bioma Mata Atlântica, a uma aliada na promoção da agroecologia.

¹ Trabalho apresentado no GT 05: Comunicação Cidadã e Inovações Tecnológicas da XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2024, de 11 a 13 de junho de 2024, na Universidade São Judas (Paulista), São Paulo-SP.

² Para mais informações, acesse: https://www.facebook.com/VerdejarSocioambiental/?locale=pt_BR (acesso em 16 mar. 2024).

³ Localizada acima da cota dos 100 metros, trata-se da Área de Preservação Ambiental e Recuperação Urbana (APARU) da Serra da Misericórdia.

A pergunta que mobiliza este relato é: qual o papel da comunicação popular e comunitária na constituição de processos de inovação constituintes da agroecologia?

Sustento enquanto hipótese que a comunicação popular e comunitária é constituída por um longo processo de reflexão-organização-ação sobre a realidade (PERUZZO, 2022), capaz de pôr em comum (SODRÉ, 2014) os saberes dispersos pelo social, gerando inovações sociais (PAZZETO *et al*, 2022) inscritas na vida cotidiana.

2 METODOLOGIA

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa-ação participante (FALS BORDA, 1991) realizada entre os anos 2015 e 2023 junto a movimentos sociais populares da Serra da Misericórdia, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro.

Ao longo desse processo, participei cotidianamente das atividades desse movimento social, realizando atividades de plantio, manejo e colheita em uma horta comunitária e sistema agroflorestal, sistematizando os debates em rodas de conversa, contribuindo em atividades de bioconstrução, escrevendo projetos para a captação de recursos e oferecendo oficinas de comunicação popular, dentre outras atividades marcadas pela devolução sistemática de resultados a esse movimento social.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A iniciativa se fundamenta em perspectivas latino-americanas da comunicação, em especial, a da comunicação popular – aqui entediada como um processo de conscientização, aprendizado coletivo, produção simbólica e intervenção social sobre a realidade. Destaco que essas perspectivas teórico-metodológicas fundamentam também o emergente campo da agroecologia, que se constitui através do diálogo de saberes populares e técnicos, sempre mediatizados pela realidade nas quais suas práticas se realizam.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os “sabiás” são uma árvore originária do bioma *caatinga*, e de já reconhecida presença no Estado do Rio de Janeiro (EMBRAPA, 2003), esta árvore possui madeira resistente, mesmo que enterrada ou exposta à umidade; sua casca é recoberta de espinhos, o que a faz ser utilizada como cerca-viva; devido à sua resistência a períodos de estiagem, ela tem sido utilizada como espécie pioneira no reflorestamento de áreas degradadas (LORENZI, 2014).

Sua presença Zona Norte do Rio de Janeiro tem servido de insumo à uma série de processos de inovação social ligados à agroecologia desde que passem por uma crítica mediatizada pela realidade (FREIRE, 1977), ou seja, desde que seja compreendida como um recurso a ser empregado

na formação de um sistema agroflorestal – tecnologia sustentável que combina a produção de alimentos com a preservação da natureza (FRANCO, 2021).

Nesse sentido, ao invés de ser considerada uma adversária à restauração do bioma Mata Atlântica, dado sua natureza exótica e invasora, os sabiás têm se tornado importante aliado à promoção do desenvolvimento local. Eles possibilitam a autonomia ao gerarem raízes que auxiliam a infiltração de água no solo, sombra que retarda o ressecamento da terra, folhas que servem à compostagem posteriormente aplicada à horta, galhos aproveitados na produção de cabos de ferramentas, escoras ou cercas e, por fim, troncos utilizados em diversas atividades de bioconstrução.

Ao longo desse longo processo de manejo, e após prestar todos esses serviços que a criatividade popular soube extrair de uma planta espinhosa, os sabiás são finalmente substituídos por mudas de árvores nativas, por eles plantadas, e que ocuparão o local dessas árvores exóticas que foram, por tanto tempo, insumo à inovação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se processos de comunicação popular e comunitária, marcados pela reflexão e intervenção sobre a realidade, sempre de modo participativa e compreensiva (PAIVA, 2021), são capazes de acionar a criatividade popular e gerar inovação social – no caso, agroecológica, voltada ao desenvolvimento local sustentável e à promoção da saúde coletiva.

Referências

- EMBRAPA. **Comunicado técnico 104**. Brasília : Embrapa Florestas, 2003.
- FALS BORDA, Orlando. **Acción y conocimiento: como romper el monopolio com investigación-acción participativa**. Santafé de Bogotá : CINE, 1991
- FRANCO, Fernando Silveira. Agrofloresta – Sistemas Agroflorestais. *In*: DIAS, Alexandre Pessoa [et al]. **Dicionário de Agroecologia e Educação**. Expressão Popular : Rio de Janeiro : Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 202
- FREIRE, Paulo. **Comunicação ou extensão?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo : Centauro, 2001.
- LORENZI, Harri. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. São Paulo : Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2014.
- PAIVA, Raquel. Paulo Freire: a cidadania compreensiva. **Revista Matrizes**, v. 15, n. 3, set./dez., São Paulo : 2021
- PAZZETO, Alexandre Zawaki *et al*. **Abordado o espectro da inovação social: uma discussão teórico-conceitual**. Revista de Ciências da Administração, v. 24, n. 63, p. 88-101, mai.-ago., 2022
- PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Pedagogia da comunicação popular e comunitária nos movimentos sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2022.
- SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis (RJ) : Vozes, 2014